

Literatura e teologia: perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo

*José Carlos Barcellos**

Sinopse

Este artigo apresenta uma visão global das propostas de articulação entre literatura e teologia no pensamento católico contemporâneo. Através do estudo de autores como Chenu, Jossua, Gesché e Kuschel, entre outros, podem-se distinguir três grandes paradigmas na abordagem dessa questão: um paradigma hermenêutico, um paradigma heurístico e um paradigma interdisciplinar.

Palavras-chave: Literatura e Teologia; Hermenêutica Literária; Metodologia Teológica.

Abstract

This paper intends to present a global view of some patterns of the relationship between literature and theology in Catholic contemporary thought. Through the study of some well-known authors like Chenu, Jossua, Gesché and Kuschel, among others, it is possible to establish three main paradigms that have presided over the approach to this subject: the hermeneutical, the heuristic and the interdisciplinary paradigms.

Key words: Literature and Theology; Literary Hermeneutics; Theological Method.

* Doutor em Letras pela USP e em Teologia pela PUC-RJ; professor da Universidade Federal Fluminense-UFF; bolsista da FAPERJ.

1

A produção crítica contemporânea que, de algum modo, se reporta à relação entre literatura e teologia já é propriamente inabarcável. Chama a atenção não apenas o grande número de obras recentemente publicadas, nos mais diferentes quadrantes, acerca dessa problemática, mas sobretudo a extrema diversidade de objetivos, fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos por elas adotados. De fato, temos desde uma comparação - de resto, inteligentíssima e profundamente original - entre Mme Bovary e santa Teresinha do Menino Jesus,¹ até o estudo circunstanciado da presença da mística renano-flamenga na obra de Guimarães Rosa.² Ou ainda, desde a exposição da cristologia de quatro destacados literatos feita por um teólogo de renome,³ até a análise histórico-cultural das relações entre a teologia da libertação e a literatura latino-americana.⁴ Poderíamos mencionar ainda a grande trilogia de von Balthasar - *Glória, Teodramática, Teológica* - , cuja publicação original data dos anos 60 a 80 e na qual se recorre copiosamente a fontes literárias,⁵ alguns trabalhos de cunho mais biográfico,⁶ e mesmo vários estudos sobre a teologia na obra de autores manifestamente ateus ou agnósticos,⁷ além de inúmeras análises de *temas* religiosos ou teológicos na literatura.⁸

1 Micheline HERMINE, *Destins de femmes, désir d'absolu*. [Para referências bibliográficas completas destes e dos demais títulos, cf. as **Referências Bibliográficas** no final do artigo.]

2 Heloisa Vilhena de ARAÚJO, *O roteiro de Deus*.

3 Olegario GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *Cuatro poetas desde la obra ladera*.

4 José Luiz GÓMEZ- MARTINEZ (org.), *Teología y pensamiento de la liberación en la literatura iberoamericana*; Luis N. RIVERA PAGÁN, *Mito, exilio y demonios*; Raúl FORNET-BETANCOURT (org.), *A teologia na história social e cultural da América Latina*, v. 3, p. 107-69.

5 Hans Urs von BALTHASAR, *Gloria*; Id., *Teodrammatica*; Id., *Teologica*. Ainda não há um estudo exaustivo da "teologia da literatura" de von Balthasar. A esse respeito, cf. Alois M. HAAS. Hans Urs von Balhasar's "Apocalypse of the German Soul".

6 Cf., p. ex., Martin C. TAYLOR, *Sensibilidad religiosa de Gabriela Mistral*; Christine VAN ROGGER-ANDREUCCI, *Poesie et religion dans l'oeuvre de Max Jacob*; Peter STILWELL, *A condição humana em Ruy Cinatti*.

7 Cf., p.ex., Maria Joaquina Nobre JÚLIO, *O discurso de Vergílio Ferreira como questionação de Deus*; Waldecy TENÓRIO, *A bailadora andaluza*; Id., *A confissão da nostalgia*.

8 P. ex., Leopoldo DURÁN, *La crisis del sacerdote en Graham Greene*; Josef IMBACH, *Gesù nella letteratura contemporanea*; Guido SOMMAVILLA, *Uomo, diavolo e Dio nella letteratura*

No entanto, poucos são os textos que se ocupam das questões teórico-metodológicas envolvidas nessas múltiplas e diversificadas tentativas de aproximação entre a literatura e a teologia. Neste artigo, procederemos a um estudo sintético do pensamento de alguns autores católicos que versaram precipuamente essa problemática,⁹ tentando apresentar uma visão de conjunto das posições por eles assumidas.¹⁰

2

A tese de doutoramento do dominicano Pie Duployé, *La religion de Péguy*,¹¹ apresentada em Estrasburgo em 1964, teve um papel fundamental em termos de legitimação e perspectivação crítica do recurso à literatura por parte da teologia. Nela, levanta-se de forma pioneira a questão da *ratio humaniorum litterarum theologica*, isto é, do estatuto epistemológico da literatura para a teologia. Partindo do contraste entre imagem e conceito, Duployé trabalha com uma noção de literatura e uma noção de teologia à primeira vista dicotômicas, mas que logo a seguir evidenciarão suas possibilidades articulatórias:

Se aceitarmos definir a literatura como uma certa visão do mundo ligada a um sistema coerente de imagens que traduzem, uma e outro, a personalidade profunda de um autor (...), podemos admitir, ao menos a título de definição antitética, a seguinte definição da teologia: uma certa visão de Deus, e do mundo que Ele criou, em um conjunto coerente de *conceitos*. Na medida em que uma teologia concede à imagem, ela tende a se tornar ela própria uma

contemporanea; Cristóbal SARRIAS, *Dios y Jesucristo en la literatura actual*; Giovanni CASOLI, *Presenza e assenza di Dio nella letteratura contemporanea*.

9 Os textos seguintes também contêm algumas observações teórico-metodológicas pontuais acerca da relação entre literatura e teologia. Não nos deteremos neles, porém, em prol dos textos em que essa relação é perspectivada de maneira mais ampla e sistemática. Charles MOELLER, *El teólogo ante la evolución de la literatura y de la imagen del hombre*; Urbano ZILLES, *Literatura e teologia*; Antonio BLANCH, *Lo estético y lo religioso: cotejo de experiencias y expresiones*; Jean-Pierre JOSSUA, *La poésie, le savoir, le religieux*.

10 Não temos, evidentemente, a pretensão de propor um modelo que dê conta de maneira exaustiva de todas as possibilidades de relações entre literatura e teologia. Interessa-nos, neste momento, apenas o pensamento daqueles autores que procuraram refletir *teoricamente* sobre essa questão no âmbito da teologia católica.

11 Pie DUPLOYÉ, *La religion de Péguy*.

literatura. *A relação que uma teologia mantém com a imagem é exatamente, então, aquela que ela mantém com a literatura.*¹²

Para fundamentar a articulação entre a literatura e a teologia assim definidas, Duployé recorre a ninguém menos que São Tomás de Aquino, quando este, reportando-se ao Pseudo-Dionísio, afirma:

As realidades poéticas não podem ser compreendidas pela razão por causa de uma deficiência de verdade que está nelas; as realidades divinas não podem ser compreendidas pela razão por causa de sua superabundante verdade. Realidades poéticas e realidades divinas, por razões opostas, são obrigadas a apelar para imagens.¹³

Portanto, já o próprio São Tomás percebia a afinidade lingüística entre o discurso teológico e o discurso literário, na medida em que ambos recorrem à imagem. Ora, a grande crise do pensamento teológico ocidental posterior a São Tomás deve-se precisamente à perda de contato da teologia com a cultura, que decorre de maneira inexorável da perda de contato com a imagem, vale dizer, com a literatura:

No dia em que a teologia deixou de ser simbólica, abriu-se a era das grandes dissociações para a cultura cristã. Não tendo mais contato com a cultura que a veiculou - a cultura bíblica -, bem mais radicalmente, perde o seu potencial para viver em simbiose com toda cultura humana, seja ela qual for, e antes de mais nada com a cultura antiga. Nunca se poderá igualar símbolos a conceitos. A relação que a teologia mantém com as imagens e a literatura (*Weltanschauung*) de uma época define exatamente a relação que a teologia mantém com a cultura dessa época. Uma teologia sem imagens é uma teologia sem cultura. (...) No dia em que a teologia pretender viver sem seus símbolos nativos, aqueles da Bíblia, e com seus símbolos complementares, aqueles das diferentes culturas que as veiculam, é uma alma que pretende viver independentemente de seu corpo. Ela tende a uma axiomática, a um *sistema intemporal!*¹⁴

12 Ibid., p. VII-VIII (ênfase no original).

13 São Tomás de AQUINO, *Summa theologiae* I^a II^a, q. 102, a. 2, ad 2, cit. apud Pie DUPLOYÉ, *La religion de Péguy*, p. X.

14 Ibid., p. XI-XII (ênfase no original)

Duployé valoriza em Péguy exatamente o reencontro da teologia com a cultura contemporânea através da literatura. Para o crítico dominicano, a literatura de Péguy é uma *teologia sob forma literária*, o que abre perspectivas muito ricas e instigantes tanto para a teologia quanto para os estudos literários.

Do ponto de vista metodológico, cabe ainda destacar a ênfase dada por Duployé à necessidade de se respeitar o caráter especificamente literário em que está vazado o pensamento teológico de um autor como Péguy. Enfatizando a irredutibilidade do discurso literário a outros discursos, Duployé afirma:

Se o pensamento religioso de Péguy é uma teologia sob forma literária (uma teologia revelada por uma literatura), a primeira justiça a lhe ser feita é tratá-la como uma literatura e, por conseguinte, não pretender compreendê-la independentemente da obra na qual ela se inscreve.¹⁵

Essa advertência, em perfeita sintonia com os procedimentos da hermenêutica literária contemporânea, parece-nos constituir um procedimento metodológico básico para qualquer trabalho sério sobre o sentido teológico da literatura.

Uma outra observação de Duployé tem também profundas conseqüências metodológicas para essa área de pesquisa. Lembra ele que, estabelecida a separação entre uma teologia puramente conceitual e a literatura, esta última pode ainda propiciar exemplos ou ilustrações para aquela, mas, nesse caso, estaremos lidando com algo meramente acessório e, em última análise, supérfluo.¹⁶ O debate que se seguiu à publicação de *La religion de Péguy*, centrado na idéia de que a literatura poderia ser considerada um “lugar teológico”, mostraria a acuidade e relevância dessas considerações de Duployé.

Foi outro teólogo dominicano, Marie-Dominique Chenu, quem, num artigo de 1969,¹⁷ retomou a argumentação de

15 Ibid., p. XX.

16 Ibid., p. XI: “O divórcio entre a literatura e a teologia sendo fato consumado, a matéria literária, de vez em quando, pode fornecer à reflexão teológica exemplos, citações, palavras. Tratar-se-á apenas de ilustrações, - extrínsecas. É o próprio regime da teologia que deixou de ser literário, para se tornar dialético”.

17 Marie-Dominique CHENU, *La littérature comme “lieu” de la théologie*.

Duployé e, pela primeira vez, referiu-se à literatura como “lugar teológico”, sem, no entanto, explorar mais amplamente esse novo enfoque do problema em pauta. Num certo sentido, a leitura que Chenu fez de Duployé desviou o eixo da questão da possibilidade de se considerar a literatura como forma não-teórica de teologia (possibilidade esta afirmada enfaticamente por Duployé a propósito de Péguy) para estoura da literatura como “lugar teológico”. Essa mudança de enfoque, não obstante a recepção entusiasta e francamente positiva que Chenu dá ao trabalho de Duployé, não deixa de ser uma sutil forma de se voltar ao paradigma de uma teologia especulativa, num processo de reapropriação do literário pelo teológico.

O debate prosseguiria, em 1976, quando Jean-Pierre Jossua e Johann Baptist Metz assinam o editorial de um número da revista *Concilium* totalmente dedicado ao tema literatura e teologia. Nesse texto, de caráter programático, afirmam que

Também não seria suficiente ver na literatura um ‘lugar teológico’ onde uma teologia imutável fosse buscar ilustração e elementos que, no fundo, poderia igualmente ter descoberto por seus próprios meios. (...) Temos de perguntar o que é que só a literatura e nenhuma teologia conceitual será capaz de dizer e expressar eficazmente.¹⁸

Essa mesma argumentação foi retomada e ampliada por Jossua em seu livro *Pour une histoire religieuse de l'expérience littéraire*, de 1985.¹⁹ Nele, Jossua volta a denunciar o que poderia haver de redutor e instrumentalizante na perspectivação da literatura como “lugar teológico”:

A meu ver, só atingimos o ponto essencial quando nos interrogamos sobre o potencial *criador* de linguagem religiosa que a literatura possui e sobre sua capacidade autenticamente *teológica*, ou seja, sua lucidez crítica sobre essa criação. (...) Assim, não somente uma produção de linguagem religiosa, usando recursos da criação literária, seria preciosa hoje, como também ela poderia ser considerada propriamente teológica - se um certo ideal (seria preciso dizer um certo fantasma) de “cientificidade” especulativa ou erudi-

18 Jean Pierre JOSSUA, Johann Batista METZ, Teologia e literatura.

19 Jean Pierre JOSSUA, *Pour une histoire religieuse de l'expérience littéraire*.

ta não amedrontasse sempre a comunidade dos teólogos, a menos que ele justifique cá e lá seu *status* universitário ameaçado. Por preliminar que ela seja, uma exploração do poder religioso da literatura, efetuado, de agora em diante, visando a incitar à criação - e não mais somente como pesquisa de um vago *locus theologicus* entre outros - participaria desse caráter verdadeiramente teológico.²⁰

Assim, o que haveria de problemático (e não propriamente errado, note-se bem) na consideração da literatura como “lugar teológico” seria a possibilidade de ela ser reduzida a um testemunho a mais - uma ilustração ou exemplo, por assim dizer - de verdades conhecidas também, quiçá de forma mais ampla e completa, através de outras fontes. Repudiando a idéia do “lugar teológico”, Jossua retoma a perspectiva de Duployé que via na própria literatura uma forma legítima de teologia.²¹

Por outro lado, no debate acerca do que “só a literatura e nenhuma teologia conceitual será capaz de dizer e expressar eficazmente”, percebe-se nitidamente, uma forte preocupação com o problema do mal. Essa preocupação subjaz tanto ao pensamento de Rahner²² quanto ao de Hervé Rousseau,²³ por exemplo.

Este último autor faz uma distinção, a nosso ver pouco rentável, entre “poder teológico implícito” e “poder teológico explícito” da literatura. Poder teológico explícito teriam aquelas obras literárias que tematizam explicitamente questões teológicas, poder teológico implícito teria qualquer obra literária, na medida em que qualquer obra pode ser objeto de uma leitura teológica. Parece-nos haver aqui uma pequena confusão de planos. Seria mais adequado falar na possibilidade de uma leitura teológica de qualquer obra literária, sim, desde que se trate ou de uma leitura pragmática (de caráter teológico) da obra em questão ou então de sua utilização em alguma etapa do método teológico. Nesses dois casos, submeteríamos a obra literária - diretamente, de maneira ingênua, ou através do conhecimento do homem e

20 Ibid., p. 17-8.

21 Essa perspectiva também foi compartilhada e defendida pelo grande escritor católico alemão Heinrich Böll. A esse respeito, cf. o excelente artigo de Paulo Astor SOETHE, Heinrich Böll e a legitimação teológica do discurso literário.

22 Karl RAHNER, La palabra poética y el cristiano.

23 Hervé ROUSSEAU, A literatura: qual é seu poder teológico?

da história por ela propiciado, de maneira mais elaborada - a uma *hermenêutica teológica*, o que em princípio é perfeitamente legítimo, sem dúvida.²⁴ Mas, por outro lado, poderíamos considerar algumas obras literárias propriamente como obras teológicas, na medida em que articulam significados teológicos consistentes e relevantes já no momento em que sejam submetidas apenas a uma *hermenêutica literária*. É esta a posição de Duployé e de Jossua, conforme vimos acima.

3

Um exemplo típico do que seria a utilização da literatura numa etapa do método teológico - de resto, magnificamente conduzida - pode ser encontrado na tese de Antonio Manzatto sobre a antropologia de Jorge Amado à luz da teologia da libertação.²⁵ Na perspectiva de Manzatto, a teologia pode e deve recorrer à literatura como mediação para a leitura da realidade, complementando ou até eventualmente substituindo a mediação das ciências humanas e sociais:

Para chegar ao antropológico, à compreensão do que é o homem e do que ele significa, a teologia pode ser ajudada por vários tipos de mediação, como dissemos. Ela pode fazer apelo à filosofia e às ciências em geral, com destaque para as chamadas ciências humanas. Mas ela pode também fazer apelo às artes. Estas, por sua natureza e por seu antropocentrismo radical, são também lugar de revelação do humano. Sendo assim, a literatura de ficção revela uma forma de compreensão do humano, uma antropologia.²⁶

Através da literatura, a teologia teria acesso a “esferas do real que escapam à análise das ciências”.²⁷

A distinção proposta por Hervé Rousseau, acima apontada, está, de alguma forma, na base desse trabalho de Antonio

24 Essa perspectiva já aparece claramente delineada em termos teórico-metodológicos em Juan Carlos SCANNONE, *Poesia popular e teologia: a contribuição do Martín Fierro a uma teologia da libertação*.

25 Antonio MANZATTO, *Teologia e literatura*.

26 *Ibid.*, p. 5

27 *Ibid.*, p. 9.

Manzatto sobre Jorge Amado, pois estaríamos aqui no âmbito do que Rousseau descreve como “poder teológico implícito” da literatura, num equacionamento da questão abertamente recebido por Manzatto.²⁸

Ora, nessa perspectiva, estaríamos considerando a literatura como “lugar teológico alheio”²⁹ o que evidentemente não está incorreto, mas não deixa de ser uma visão um tanto limitada e eventualmente empobrecedora das múltiplas possibilidades de articulação entre literatura e teologia e da contribuição que essa relação pode dar para a própria comunidade eclesial em seu exercício de aprofundamento da compreensão da fé. Tem razão, pois, Antonio Carlos de Melo Magalhães quando tece as seguintes considerações críticas sobre o livro de Manzatto:

O trabalho de Manzatto parte de um princípio teológico que sugere uma revelação já definida de Deus e acessível através da tradição da Igreja. O problema divino já tem a sua resposta, enquanto o problema humano é mediado pela literatura. Em tal relação a tarefa teológica não estabelece um diálogo que possibilite uma reavaliação dos chamados temas centrais do cristianismo como revelação, encarnação, crucificação, etc. Dá a nítida impressão que a teologia em si já tem suas soluções, suas respostas estabelecidas, precisando somente de uma melhor e mais eficaz mediação de suas verdades, tendo neste caso a literatura como interlocutora privilegiada.³⁰

Assim, o recurso à literatura por parte da teologia não precisa ser visto exclusivamente em termos de mediação para o conhecimento da realidade humana, sobre a qual se irá refletir teologicamente, a partir de outros critérios, num momento posterior, mas também pode ser perspectivado, de maneira mais

28 *Ibid.*, p. 68: “Sabemos que a literatura não é uma apresentação do mundo, mas sim sua representação. Se ela interessa à teologia como mediação para a leitura do real vivido, isso acontece enquanto ela se esforça por abordar a problemática humana de uma forma que lhe é particular. É nesse sentido que a obra literária pode ser teológica ou apresentar um poder teológico. Essa teologia que se encontra presente na obra literária pode ser explícita, se o autor é cristão ou se ele ocupa-se de um tema teológico, ou então ser implícita ou latente, se o autor não é cristão ou apenas expressa experiências humanas outras que a religiosa.”

29 Cf. Clodovis BOFF, *Teoria do método teológico*, p. 201.

30 Antônio Carlos de Melo MAGALHÃES, *Notas introdutórias sobre teologia e literatura*, p. 37.

densa e incisiva, ao sustentarmos que determinadas obras literárias podem ser tidas como propriamente teológicas, como Duployé postula em relação a Péguy. Nesse caso, assumimos que através dessas obras é a compreensão do próprio depósito da revelação e das verdades de fé que é aprofundada e que cresce no seio da Igreja.

Um outro texto importante que também procura situar a literatura em uma das etapas do método teológico - e que, por sinal, se reporta ao trabalho de Manzatto - é a intervenção de Adolphe Gesché no colóquio *Les cultures européennes: un défi pour les théologies catholiques*, realizado em Louvain, em 1994.³¹ Preocupado com a relevância do discurso teológico no contexto cultural da atualidade, Gesché defende a tese de que, sem descurar outras mediações, é à antropologia, mais especificamente à antropologia cultural, que a teologia deveria recorrer para assegurar e verificar a pertinência de seu próprio discurso. Valendo-se do critério de “falsificação”, apresentado por Karl Popper como condição do discurso científico, e das dificuldades que esse critério coloca para a teologia, Gesché chega mesmo a afirmar que a antropologia é hoje o lugar por excelência de verificação do discurso teológico, pois

torna-se impossível, de fato e de direito, falar bem de Deus se não conhecemos o homem e se não procuramos encontrá-lo naquilo que o constitui no mais íntimo de sua verdade. (...) A antropologia torna-se, assim, como que a epistemologia da teologia.³²

Nesse projeto, Gesché dá um lugar de relevo à antropologia literária,³³ repetindo os conhecidos argumentos de que a literatura é capaz de apreender aspectos da realidade, tanto em extensão quanto em profundidade, que escapam às ciências humanas e sociais e à própria filosofia. Cabe sublinhar que, nesse contexto, Gesché retoma a idéia de “lugar teológico”, precisando, no entanto, que a teorização da literatura como “lugar teológico” ainda está por fazer. Como se vê, a contribuição original

31 Adolphe GESCHÉ, *La théologie dans le temps de l'homme: littérature et révélation*.

32 *Ibid.*, p. 113-14.

33 *Ibid.*, p. 117: “Por ‘antropologia literária’, pretendo designar aqui a compreensão do homem que encontramos convivendo com a literatura e particularmente com a literatura romanesca.”

de Gesché à problemática que vimos estudando está no situar a literatura não apenas enquanto fonte de subsídios para a elaboração de uma teologia, mas, sobretudo, como um lugar de verificação da pertinência e relevância de qualquer discurso teológico que se pretende produzir, o que amplia consideravelmente a noção de “lugar teológico”.

4

Curiosamente, um dos enfoques mais originais, mais densos e bem articulados teoricamente acerca da relação entre literatura e teologia encontramos em dois pequenos artigos publicados na Alemanha há cerca de vinte e cinco anos e que, ao que tudo indica, não tiveram muita ressonância fora do domínio lingüístico germânico. Referimo-nos a dois textos de Ernst Josef Krzywon, publicados na revista *Stimmen der Zeit*.³⁴ Neles, recorrendo a uma teoria da literatura elaborada por Jens Ihwe e baseada na lingüística moderna, nomeadamente na gramática gerativo-transformacional de Noam Chomsky, Krzywon propõe uma teologia da literatura (*Literaturtheologie*) como parte da ciência da literatura (*Literaturwissenschaft*) - e não da teologia, note-se bem -, em paralelo com outras disciplinas literárias tais como a teoria da literatura, a história da literatura, a psicologia da literatura, a sociologia da literatura, a crítica literária e a didática da literatura.

Com a noção de ‘teologia da literatura’ não se deve entender, de forma alguma, a passagem da literatura à teologia como a uma outra disciplina, mas uma subdivisão da ciência da literatura - no sentido de uma ‘análise que transcende a obra’, para se recorrer a um conceito de Leo Pollman -, que permanece incondicionalmente relacionada a seu ponto de partida, a literatura. A teologia da literatura não é portanto, de forma alguma - como, comparativamente, a sociologia da literatura em relação à sociologia - uma *teologia especial*, mas uma *subdivisão da ciência da literatura*, da qual ela depende tanto em vista de seu objeto quanto em vista de seus métodos. De maneira análoga e tão intensa quanto

34 Ernst Josef. KRZYWON, *Literaturwissenschaft und Theologie*; Id., *Literaturwissenschaft und Theologie: über literaturtheologische Kompetenz*.

a da ciência da literatura, também a teologia da literatura se interessa pela obra de arte literária enquanto objeto estético; transcende, todavia, esse objeto, sob o aspecto de uma análise teológica adicional e complementar. Ao lado dos critérios de valor estéticos, são também aceitos e empregados pela teologia da literatura correspondentes e homólogos critérios teológicos de valor - em contraste com critérios de valoração - como fundamento de suas conclusões.³⁵

Assim, Krzywon propõe a seguinte definição para a teologia da literatura: "A teologia da literatura enquanto disciplina, isto é, subdivisão da ciência da literatura, é a ciência - isto é, a teoria - da literatura em vista da teologia a ela condicionada e por ela caracterizada."³⁶ Ou seja, o que Krzywon propõe é o estudo do texto literário com o instrumental fornecido pela hermenêutica literária tendo em vista apreender e avaliar criticamente seus possíveis sentidos teológicos.³⁷

Para tanto, na perspectiva de Krzywon, é de grande rentabilidade a distinção entre *competência* e *performance*, tal qual desenvolvida e explorada nos estudos lingüísticos pela gramática gerativo-transformacional e aplicada ao estudo da literatura por Jens Ihwe.³⁸ Para este autor, cabe à teoria da literatura a tarefa de descrever e explicar a competência literária a partir de uma hipótese acerca da capacidade literária das pessoas. Tendo em vista a grande variabilidade empírica dessa competência, Ihwe postula uma *competência ideal* como objeto da teoria da literatura, reservando à sociologia da literatura e à psicologia da literatura a tarefa de estudar os múltiplos fatores que influem decisivamente na realização concreta daquela competência.

Analogamente, Krzywon postula uma competência teológica, paralela à competência literária, cuja fundamentação se

35 KRZYWON, *Literaturwissenschaft und Theologie*, p. 111. (Ênfase no original.)

36 *Ibid.* p. 112.

37 *Ibid.* p. 113: "Para uma teologia da literatura, portanto, será igualmente possível recolher o conjunto de intuições teológicas que está contido na própria literatura, principalmente na bela literatura, e analisar sua relevância e sua consciência teológica. Isso só poderá ser realizado quando a teologia da literatura utilizar uma hermenêutica especificamente literária. Com isso, diferentes pontos de vista são possíveis como posição de partida".

38 Jens IHWE, *Linguistik in der Literaturwissenschaft*.

dá a partir de uma hipótese sobre a capacidade teológica das pessoas, e que também está sujeita a grande variabilidade. Nessa ótica, o objeto da teologia da literatura também é uma competência ideal. Ou seja, a teologia da literatura estudaria precisamente a convergência entre a competência linguístico-literária e a competência teológica, ambas entendidas em termos ideais, numa competência teológico-literária também ideal. Ora, essa competência teológico-literária seria a base para adequadas e fecundas performances teológico-literárias, tanto por parte dos autores, quanto dos leitores e críticos.³⁹

Pelo exposto, vê-se que Krzywón, no pequeno espaço dos artigos que publicou, chegou a apresentar um modelo operacional bastante complexo e sofisticado para dar conta da relação entre literatura e teologia, tanto na ótica dos autores quanto na dos leitores e dos críticos literários. Chamam a atenção também a consistência da perspectiva epistemológica que preside a sua hipótese de uma teologia da literatura como disciplina literária e não teológica, bem como o rigor dos procedimentos metodológicos por ele apontados.

5

Finalmente, cumpre voltar nossa atenção para o pensamento do autor que mais extensa e profundamente tem abordado o tema de que nos ocupamos neste item, Karl-Josef Kuschel, professor de Teologia da Cultura e Diálogo Inter-religioso na Universidade de Tübingen. De sua ampla produção bibliográfica, fixar-nos-

39 KRZYWÓN, *Literaturwissenschaft und Theologie: über literaturtheologische Kompetenz*, p. 204: "O emprego eficiente de uma competência teológico-literária levará assim, num caso ideal, a uma performance teológico-literária, à produção de textos teológico-literários relevantes, cuja análise e interpretação, por outro lado, ajudam a patentear a singularidade e a qualidade da competência teológico-literária de um determinado autor. Essa compreensão e reconhecimento de textos teológico-literários significativos pode assentar, por um lado, nos objetivos de um leitor orientado em termos de prazer e conhecimento, ou, por outro lado, nos de um crítico interessado em apreciação e valor. No entanto, leitor e crítico só poderão atingir o prazer e o conhecimento ou, respectivamente, o valor e alta qualidade da obra de arte teológico-literária relevante, na medida em que eles também dispuseram de uma competência teológico-literária pelo menos tão refinada quanto a do próprio autor."

emos em dois livros extremamente importantes para o estudo das questões teórico-metodológicas implicadas na relação entre literatura e teologia: *“Vielleicht hält Gott sich einige Dichter...”*: literarisch-theologische Porträts,⁴⁰ de 1991, e *Im Spiegel der Dichter. Mensch, Gott und Jesus in der Literatur des 20. Jahrhunderts*,⁴¹ de 1997. Entre ambos, o pensamento de Kuschel evolui, de maneira bastante homogênea, de uma teopoética a uma *teologia intercultural*.

Na conclusão de *Os escritores e as Escrituras*, intitulada “A caminho de uma teopoética”, Kuschel distingue, a propósito da metodologia para um diálogo teológico com a literatura, dois métodos: o confrontativo e o correlativo. O primeiro, na linha de Sören Kierkegaard e de Karl Barth, p. ex., opõe e contrasta violentamente a palavra humana da literatura à Palavra de Deus da Sagrada Escritura, reduzindo “o diálogo entre teologia e literatura a um conflito entre ideologia e verdade.”⁴² O segundo, na linha de Paul Tillich e da teologia católica do Vaticano II, trabalha as correlações entre as questões humanas e a revelação divina, de tal sorte que esta última só teria sentido pleno na medida em que estivesse “em correlação com perguntas respectivas ao todo da existência humana”.⁴³

Numa crítica cerrada, profundamente inteligente e perspicaz, aos dois métodos apontados, Kuschel mostra como ambos “só podem fazer valer a literatura na medida em que ela se preste a constituir um negativo da teologia”.⁴⁴ Se essa conclusão é mais ou menos evidente em relação ao primeiro método, talvez não o seja tanto em relação ao outro. Vale a pena, pois, determos por um momento na crítica ao método correlativo, inclusive porque ela manifesta uma das intuições mais importantes e oportunas do pensamento de Kuschel:

O método correlativo, por sua vez, também dispõe da literatura para fins próprios. Se o método confrontativo reduzia o diálogo

40 Karl-Josef KUSCHEL, *Vielleicht hält Gott sich einige Dichter...*, parcialmente traduzido no Brasil sob o título de *Os escritores e as Escrituras*. Citaremos por esta última edição.

41 Id., *Im Spiegel der Dichter*.

42 Id., *Os escritores e as Escrituras*, p. 221.

43 Ibid., p. 219.

44 Ibid., p. 221.

teologia-literatura a um conflito entre ideologia e verdade, o método correlativo impõe-lhe um esquema de perguntas e respostas. Não percebe, com isso, que a revelação cristã, tal como testemunhada nas Escrituras e sempre recolocada pela teologia, não é de modo algum idêntica ao anseio pela ‘solução’ de todas as questões. A ‘revelação’ cristã por certo contém muitas respostas, mas a característica dessas respostas reside justamente não em fazer calar as perguntas fundamentais da existência humana, mas conduzi-las a uma perspectiva correta. As perguntas últimas do ser humano não são suspensas pela revelação, mas formuladas por ela.⁴⁵

Mais adiante, veremos como essa perspectiva acerca da revelação tem profundas conseqüências para a teologia de Kuschel e para o papel fundamental que nela tem a própria literatura. Por ora, basta sublinhar o quão seriamente essa visão reconfigura, em termos críticos, a famosa “virada antropológica” que marca boa parte da melhor teologia católica do século XX: segundo nosso autor, a revelação é antes uma pergunta que uma resposta aos problemas humanos.

Constatados os problemas dos métodos confrontativo e correlativo, Kuschel passa a propor o método da analogia estrutural como mais adequado à tarefa de promover o diálogo entre a literatura e a teologia. Por recorrer à analogia, esse método busca simultaneamente apontar correspondências e diferenças entre os dois discursos:

Com esse método, torna-se possível considerar seriamente também a experiência e a interpretação literária em suas *correspondências* com a interpretação (cristã) da realidade, mesmo quando a literatura não tem caráter cristão ou eclesiástico. E buscar correspondências não significa ‘cooptar’ o objeto analisado, apropriar-se dele. Pensar em termos de analogias estruturais significa justamente evitar que a interpretação literária da realidade seja cooptada como cristã, semicristã ou anonimamente cristã. Quem pensa estrutural-analógicamente é capaz de encontrar correspondências entre o que lhe é próprio e o que lhe é *estranho*. Quem pensa segundo esse método constata também o que é contraditório nas obras literárias em relação à interpretação cristã da realidade, ou seja, o que é estranho à experiência cristã de Deus.⁴⁶

45 *Ibid.* (ênfase no original).

46 KUSCHEL, *Os escritores e as Escrituras*, p. 222.

Foi esse método que Kuschel aplicou magistralmente ao longo do livro de 1991, ao passar em revista alguns dos principais nomes da literatura de língua alemã dos séculos XIX e XX, tais como Kafka, Heine, Rilke, Böll, Hesse e Thomas Mann.

Seis anos depois, publica aquela que talvez seja a obra mais ambiciosa e profunda sobre a relação literatura-teologia de que temos notícia: *Im Spiegel der Dichter*. Na abertura desse livro, colocou um belíssimo e intenso testemunho pessoal acerca da importância da literatura em seu próprio percurso humano, religioso e teológico:

Vou falar aqui dos escritores que me comoveram a mente e o coração, desde que eu comecei a pensar teologicamente. Eles não são o fundamento da minha fé, mas sim freqüentemente, seu incentivador. Experiências de vida foram para mim amiúde experiências de leitura. Pensar veio da intuição concreta, a teoria, das formas sensíveis. No meu caminho, experimentei também sempre mais e mais que eram os escritores - e poucas homilias, catecismos e tratados teológicos - que me abriam, em sinceridade, uma parcela da verdade. Eles me desalojaram de meu autocontentamento, de minha autocondescendência com a plausibilidade já adquirida, da reconciliação com as respostas já encontradas.⁴⁷

Esse livro de Kuschel poderia ser descrito como uma tentativa brilhante de se constituir uma teologia sistemática a partir da literatura e em diálogo com ela, segundo o método da analogia estrutural. Dividido em três partes - "O enigma do homem", "O abismo de Deus", "O rosto de Jesus" -, propõe, através do estudo consecutivo de uma série de autores de várias literaturas, um desdobramento de temas e perspectivas que, no conjunto, formam um amplo painel do tratamento literário dado, ao longo do século XX, às questões do homem, de Deus e de Cristo.

No prólogo, de caráter teórico-metodológico, encontram-se várias idéias muito importantes para o nosso tema. Em primeiro lugar, a de que o grande risco da teologia não vem do ceticismo, mas sim da tentação de avançar "certezas superficiais, na produção de sentido e consolo precipitados".⁴⁸ Essa observa-

47 Id., *Im Spiegel der Dichter*, p. 1.

48 Ibid., p. 6.

ção, como se vê, radica na percepção, acima referida, de que a revelação é antes uma pergunta que uma resposta.

De fato, Kuschel afirma que “‘Deus’ é a pergunta pela ordem deste mundo e pelo sentido desta vida. Uma pergunta aberta, às vezes uma ferida latejante”.⁴⁹ Em inteligentíssima contraposição a uma certa teologia muito antropocêntrica, concluirá, no final da segunda parte - “O abismo de Deus” -, que Deus não é um “chão” (*Grund*) de sentido, mas um “abismo” (*Abgrund*) de sentido, como muitos místicos cristãos disseram.⁵⁰

Eis por que, já na conclusão de *Os escritores e as Escrituras*, afirmava-se:

Aí está o grande valor da busca de correspondências entre teologia e literatura. Ao ocupar-se dos textos literários e respeitar-lhes a autonomia, percebendo os critérios formais que os conformam, a teologia pode tomar a sério um aspecto da literatura que lhe deve ser muito caro: é aguda nos textos literários a consciência de que não se dispõe do objeto de sua reflexão, em favor do qual presta testemunho.⁵¹

Uma segunda idéia a ser sublinhada no Prólogo de *Im Spiegel der Dichter* decorre dessa visão de Deus, da revelação e da teologia: trata-se da proximidade entre a fé e a dúvida.⁵² Na conclusão da primeira parte - “O enigma do homem” -, Kuschel tira conseqüências muito belas e profundas a esse respeito:

A negatividade tem valor heurístico e não deve ser confundida com uma ontologia da negatividade. (...) Não se deve esquecer também que mesmo o texto mais cético permanece texto, isto é, procede da confiança na linguagem. Mesmo a experiência mais insondável é literatura, procede da confiança na escrita.⁵³

49 *Ibid.*, p. 9.

50 *Ibid.*, p. 288-89: “A expressão ‘Abismo de Deus’ busca ser uma síntese de um pensamento. Quer apreender, por um lado, que Deus não é um simples fundamento para se resistir a crises, com o qual se pode ‘contar’. Deus é abismo, quer dizer: ele também continua a ser em sua potência fundamentadora o Livre, o Incomensurável, o Incompreensível. Nesse sentido os grandes místicos cristãos falaram de Deus como abismo.”

51 KUSCHEL, *Os escritores e as Escrituras*, p. 225.

52 KUSCHEL, *Im Spiegel der Dichter*, p. 10: “*Dubito ergo credo, credo ergo dubito*. Eu entendo que justamente a dúvida acerca da criação implica a fé e a fé em Deus traz para si a dúvida. A dúvida e a fé não são inimigas mas irmãs.”

53 *Ibid.*, p. 171.

Numa tal visão da literatura, é claro que sua importância para a teologia ultrapassa completamente qualquer perspectiva “conteudista”, que a valorizaria enquanto depósito de temas ou fonte de informações para o pensar teológico. Na esteira de George Steiner, Kuschel sustenta o caráter propriamente transcendente de qualquer grande obra de arte, literária ou não, e conclui que “por isso, a grande obra de arte deve ser considerada teológica, enquanto *iluminação do mistério do homem*, enquanto iluminação do mistério de sua verdade”.⁵⁴ E, acerca do próprio livro que está apresentando aos leitores, diz:

Ele apresenta os temas *fundamentais de uma teologia intercultural*; é a tentativa de se lançar pontes entre o mundo da poesia e o mundo da teologia e vice-versa.⁵⁵

Como se vê, pela rápida exposição que fizemos do pensamento de Kuschel, o método da analogia estrutural por ele proposto não apenas supera completamente os métodos confrontativo e correlativo, mas também ultrapassa as contraposições entre tipos de literatura, consoante sua capacidade teológica, que se observam em textos de Hervé Rousseau, Manzatto, Jossua e Krzywon. Por outro lado, se se quiser falar em “lugar teológico”, teremos de fazê-lo num sentido bem mais amplo e abrangente que os anteriormente vistos.

O método da analogia estrutural é na sua essência um *método interdisciplinar*: o discurso ao qual ele conduz é simultaneamente teologia e crítica literária, ao passo que o de Krzywon, sendo fundamentalmente crítica literária, só pode ser considerado teologia na medida em que é um esforço para se levar à linguagem conceitual o pensamento teológico expresso em obras literárias. Para tanto, o método de leitura da obra há de ser, consoante Krzywon enfatiza com vigor, também fundamentalmente literário. É a partir da hermenêutica literária, com o auxílio instrumental da epistemologia e da metodologia teológicas, que se pode provar que determinadas obras, enquanto literatura, já produzem significados de natureza teológica. Ao se dis-

54 Ibid., p. 27 (ênfase no original).

55 Ibid. p. 33s.

cutir, num segundo momento, a originalidade e relevância desses significados, recorre-se à teologia, sim, mas ainda como disciplina auxiliar. Nessa perspectiva, conforme apregoa Krzywón, estamos nos movendo inequivocamente dentro do campo dos estudos literários, do qual dependem tanto o objeto de estudo quanto o método de trabalho, e recorre-se à teologia apenas como instrumental de apoio para determinadas operações.

Assim, no universo dos autores estudados, podemos distinguir cinco propostas de articulação entre a literatura e a teologia:

- 1- literatura como forma não-teórica de teologia (Duployé, Jossua);
- 2- literatura como “lugar-teológico” (Chenu, Rousseau, Scannone, Manzatto);
- 3- literatura como epistemologia da teologia (Gesché);
- 4- literatura como objeto de uma teologia da literatura, entendida como disciplina literária que visa ao estudo da competência teológico-literária (Krzywón);
- 5- literatura como objeto de uma teologia intercultural através do método de analogia estrutural (Kuschel).

Parece-nos que as propostas de Duployé, Jossua e Krzywón, por um lado, e as de Gesché e Kuschel, por outro, são fundamentalmente compatíveis entre si, não obstante as diferenças de terminologia e fundamentação teórica que se observam em suas respectivas formulações. Portanto, poderíamos concluir que no pensamento católico contemporâneo - à parte a estética teológica de Hans Urs von Balthasar, na qual não nos detivemos neste artigo - encontram-se três grandes paradigmas de articulação entre a literatura e a teologia: um paradigma hermenêutico (a literatura como forma não-teórica de teologia: prioridade à metodologia dos estudos literários); um paradigma heurístico (a literatura como “lugar-teológico”: prioridade à metodologia teológica) e um paradigma interdisciplinar (a literatura e a teologia como pólos de um diálogo intercultural: método da analogia estrutural).

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. *O roteiro de Deus*: dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarim, 1998
- BALTHASAR, Hans Urs von. *Gloria*: una estetica teologica. I: la percezione della forma. Milão: Jaca Book, 1985
- BLANCH, Antonio. Lo estético y lo religioso: cotejo de experiencias y expresiones. *Miscelanea Comillas*, n. 43, p. 273-98, 1985.
- _____. *El hombre imaginario*: una antropología literaria. Madri: PPC, 1995.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASOLI, Giovanni. *Presenza e assenza di Dio nella letteratura contemporanea*. Roma: Città Nuova, 1995.
- CHENU, Marie-Dominique. La littérature comme "lieu" de la théologie. *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, n. 53, p. 70-80, 1969.
- DURÁN, Leopoldo. *La crisis del sacerdote en Graham Greene*. Madri: BAC, 1974.
- DUPLOYÉ, Pie. *La religion de Péguy*. Genebra: Slaktine Reprints, 1978.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl, (org.). *A teologia na história social e cultural da América Latina*. São Leopoldo: UNISINOS, 1996. 3 v.
- GESCHÉ, Adolphe. La théologie dans le temps de l'homme: littérature et révélation. In: VERMEYLEN, Jacques (org.). *Cultures et théologies en Europe: jalons pour un dialogue*. Paris: Cerf, 1995. p. 109-42.
- GÓMEZ-MARTINEZ, José Luiz (coord.). *Teología y pensamiento de la liberación en la literatura iberoamericana*. Madri: Milenio, 1996.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. *Cuatro poetas desde la obra ladera*: Unamuno, Jean-Paul, Machado, Oscar Wilde. Madri: Trotta, 1996.
- HAAS, Alois M. "Hans Urs von Balthasar's "Apocalypse of the German Soul". In: SCHINDLER, David L. (ed.). *Hans Urs von Balthasar: His Life and Work*. São Francisco: Communio Books/ Ignatius Press, 1991. p. 45-57.
- HERMINE, Micheline. *Destins de femmes, désir d'absolu*: essai sur Madame Bovary et Thérèse de Lisieux. Paris: Beauchesne, 1997.
- IHWE, Jens. *Linguistik in der Literaturwissenschaft*: zur Entwicklung einer modernen Theorie der Literaturwissenschaft. Munique: Bayerischen Schulbuchverlag, 1972.
- IMBACH, Josef. *Gesù nella letteratura contemporanea*. Roma: Città

- Nuova, 1983.
- JOSSUA, Jean-Pierre. *Pour une histoire religieuse de l'expérience littéraire*. Paris: Beauchesne, 1985.
- _____. La poésie, le savoir, le religieux. *Revue des Sciences Religieuses*, v. 85, n.3, p. 369-81, 1997.
- _____, METZ, Johann Baptist. Editorial: teologia e literatura. *Concilium*, v. 115, n. 5, p. 3-5, 1976.
- JÚLIO, Maria Joaquina Nobre. *O discurso de Vergílio Ferreira como questionação de Deus*. Lisboa: Colibri, 1996.
- KUSCHEL, Karl-Josef. Christliche Literatur - geschrieben von Nichtchristen? *Stimmen der Zeit*, n. 200, p. 739-52, 1982.
- _____. "Vielleicht hält Gott sich einige Dichter...": literarisch-theologische Porträts. 2. ed. Mogúncia: Grünewald Verlag, 1996.
- _____. *Im Spiegel der Dichter: Mensch, Gott und Jesus in der Literatur des 20. Jahrhunderts*. Düsseldorf: Patmos Verlag, 1997.
- _____. *Os escritores e as Escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.
- KRZYWON, Ernest Josef. Was konstituiert christliche Literatur? *Stimmen der Zeit*, n. 191, p. 672-80, 1973.
- _____. Literaturwissenschaft und Theologie: Elemente einer hypothetischen Literaturtheologie. *Stimmen der Zeit*, n. 192, p. 108-116, 1974.
- _____. Literaturwissenschaft und Theologie: über literaturtheologische Kompetenz. *Stimmen der Zeit*, n. 193, p. 199-204, 1975.
- MAGALHÃES, Antônio Carlos de Melo et al. *Teologia e literatura*. São Bernardo do Campo: UESP, 1997.
- MANZATTO, Antonio. *Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.
- MOELLER, Charles. El teólogo ante la evolución de la literatura y de la imagen del hombre. In: VORGRIMLER, Herbert, GUCHT, Robert Vander. *La teología en el siglo XX: perspectivas, corrientes y motivaciones en el mundo cristiano y no cristiano*. Madrid: BAC, 1973. p. 87-120.
- RAHNER, Karl. La palabra poética y el cristiano. *Escritos de teología*. Madrid: Taurus, v. 4, p.453-66, p. 1962.
- RIVERA PAGÁN, Luis N.. *Mito, exilio y demonios: literatura y teología en América Latina*. Hato Rey: Publicaciones Puertorriqueñas, 1996.
- _____. Du texte à l'action: essais d'herméneutique II. Paris: Seuil, 1986.
- ROUSSEAU, Hervé. A literatura: qual é o seu poder teológico? *Concilium*, v. 115, n. 5, p. 7-15, 1976.

- SARRIAS, Cristóbal. *Dios y Jesucristo en la literatura actual*. Madrid: PPC, 1994.
- SCANNONE, Juan Carlos. Poesia popular e teologia: a contribuição do Martín Fierro a uma teologia da libertação. *Concilium*, v. 115, n. 5, p. 91-100, 1976.
- SOETHE, Paulo Astor. Heinrich Böll e a legitimação teológica do discurso literário. *Perspectiva teológica*, v. 29, p. 205-23, 1977.
- SOMMAVILLA, Guido. *Uomo, diavolo e Dio nella letteratura contemporanea*. Milão: Paoline, 1993.
- STILWELL, Peter. *A condição humana em Ruy Cinatti*. Lisboa: Presença, 1995.
- TAYLOR, Martin C. *Sensibilidad religiosa de Gabriela Mistral*. Madrid: Gredos, 1975.
- TENÓRIO, Waldecy. *A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. São Paulo: Ateliê, 1996.
- _____. A confissão da nostalgia: In LOPONDO, Lilian (org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1998, p. 131-44.
- VAN ROGGER - ANDREUCCI, Christine. *Poésie et religion dans l'oeuvre de Max Jacob*. Paris: Honoré Champion, 1994.
- ZILLES, Urbano. Literatura e teologia. *Veritas*, v. 29, n. 115, p. 337-49, 1984.

José Carlos Barcellos
Rua Conde de Bonfim, 621/204
Rio de Janeiro-RJ
20520-052
jcarlosbarcellos@hotmail.com